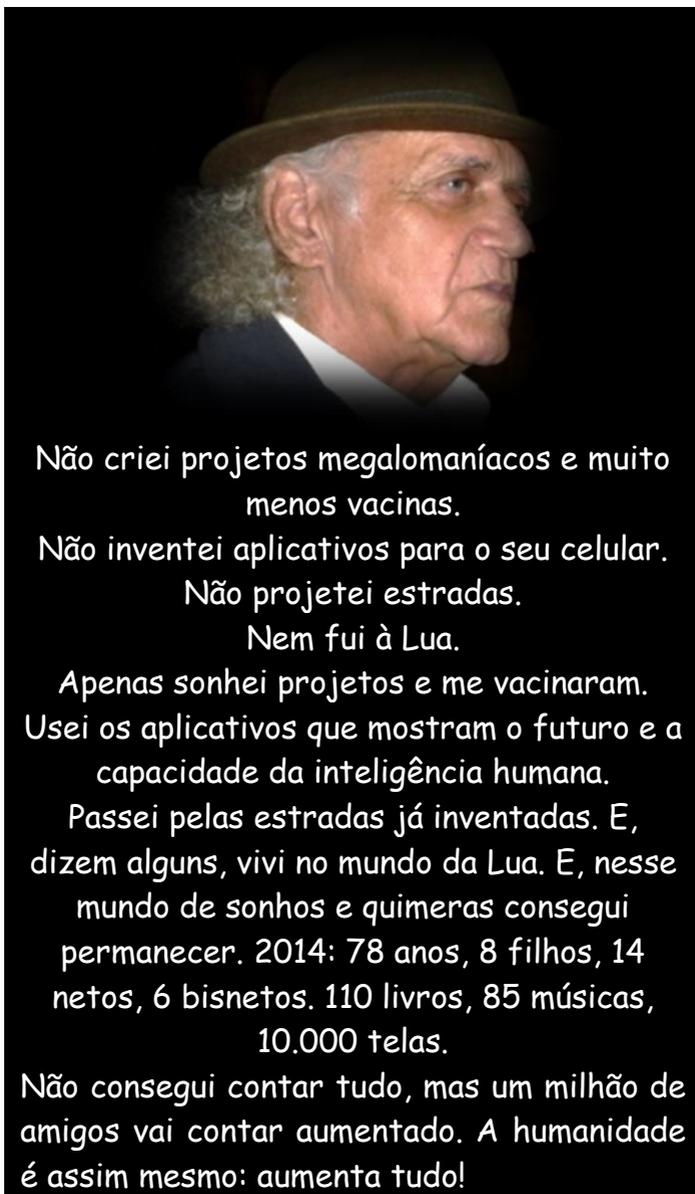


**Algumas passagens de vida
que somam os
oitenta e um anos do autor
comemorados no dia
25 de abril de 2016
FLORIANÓPOLIS SC**

EU, NA PRIMEIRA E TERCEIRAS PESSOAS



ESCRITAS EDITORA



TALVEZ...

...O que eu tenha feito até completar oitenta anos possa servir para alguma coisa: no mínimo, meus netos e bisnetos possam ter uma ideia da minha época, das coisas, das gentes, dos feitos, dos costumes, da ética e da moral vigentes. Saberão como vivíamos nas grandes e pequenas cidades, como eram as famílias e suas lutas pela sobrevivência, através dos meus escritos, notadamente das crônicas, críticas e comentários, dos recortes de Jornais, Revistas, Livros, Fotos. Saberão – se quiserem saber – das tendências, da Política e seus altos e baixos, dos seus acertos, das vilanias, dos roubos e sequestros de poupança familiares, da pobreza ou da riqueza de um povo vivendo na mais linda terra que Deus criou e entregou para que o homem destruísse.

Nas centenas de comentários que fiz, notadamente na Televisão, notarão que a moral é oscilante, que as opiniões divergem – e devem sempre divergir – que os Partidos políticos sempre foram necessários com seus objetivos diversos, mas sempre apontando para a Democracia, até que um novo sistema melhor surja do nada.

Descobrirão o mais importante: ninguém é feliz se não distribui felicidade; que a Família é centro de tudo; que a Justiça econômica pode

ser melhor obtida através da livre iniciativa e, como completa o Credo Júnior (JCI). Servir a humanidade é a melhor obra de uma vida, dentre outros conceitos da mesma importância. Serão diversos os fascículos para contar tudo isso, mas em todos eles quem estiver lendo atentamente vai descobrir o essencial de tudo isso: a obrigação de cada um em distribuir amor, compreensão, luta pela paz, pela igualdade e, sobretudo, plantar e cuidar constantemente da amizade que a vida vai lhe oferecendo.

Notará que a amizade são marcas de pés na areia e que sobre elas devemos pisar dia a dia reforçá-las, para que o vento não as faça desaparecer.

EU, NA PRIMEIRA E TERCEIRAS PESSOAS é dividido – para maior compreensão – em alguns capítulos específicos:

Faz parte de uma série abrangente:

ESCRITOR/MÚSICO/JORNALISTA/CRONISTA

MÚSICO/RADIALISTA/ARTISTA PLÁSTICO

ACADÊMICO/PRODUTOR E COMENTARISTA

DE TV

SINDICALISTA

PROFESSOR DE COMUNICAÇÃO ORAL E

ESCRITA

TAQUÍGRAFO/PUBLICITÁRIO

WEB DESIGNER/BLOGUEIRO/PAI, AVÔ E

BISAVÔ/AMIGO!

Sua leitura fará com que descubra o que muitos já sabiam: vive-se com os pés no chão, a cabeça nas nuvens, mas com o pensamento voltado para uma força maior que nos indica o caminho onde usaremos nosso livre arbítrio. Constatarão que todos nós nascemos escritores, quando recebemos ao nascer um livro em branco – aparentemente em branco –, onde escreveremos a história que desejamos deixar, como estas páginas que deixo para vocês falando de uma vida, sofregamente vivida, sempre grato por tê-la. Sejam felizes!

O ENGRAXATE DE PARAGUAÇU



A

*bra a janela
e vem ouvir
a serenata que fiz pra
você.*

*Os amigos, companheiros de
sonhos,*

também vieram.

*Abre a janela e deixe-me
cantar dizendo
coisas que você já sabe.*

*Sua janela é o meu altar...
Esta serenata é a prece de
amor*

*que preciso dizer o quanto
antes.*

*É a única que ainda sei
fazer.*







INFELIZ, INFELIZ MESMO, NUNCA FUI!

Na verdade, tive até uma bicicleta.

Preta e meio descascada, mas era uma bicicleta.

É verdade, também, que a corrente saía à toa, mas eu sabia consertar na hora. Pra isso eu era bom.

Também era bom engraxando sapatos na esquina onde os ônibus paravam em Paraguaçu Paulista. Na estação da estrada de ferro, quando passavam aqueles enormes trens, com cinquenta ou sessenta vagões cheinhos de nordestinos, com destino ao Norte do Paraná, eu vendia sanduíches acondicionados num tabuleiro pendurado no pescoço. Não sei se dava resultado financeiro,

porque nunca fui bom em matemática e não sabia direito o valor do dinheiro. Muitas vezes os cabeças-chatas pegavam o sanduíche bem na horinha do trem partir. E lá ficava eu com o prejuízo.

Claro que aprendi! E tinha vezes que eu só dava o sanduíche depois de receber e o trem partia.

De longe ainda ouvia os gritos do infeliz que ia passar fome até a estação seguinte.

Quem mandou ser besta!

O importante é que era infância, ainda.

E o importante era só isso, porque não tinha outra coisa.

Não me lembro muito bem de muitas coisas que queria lembrar.

ECHAPORÃ

Pouco me lembro, nem sei quantos anos vivi na terra onde nasci. Em torno de três, talvez. Lembro-me de uma casa de taipa, chão batido, coberta de palha, muita areia branca ao redor. Não me lembro de árvores no quintal.

Uma irmã mais velha (Ditinha), um irmão mais novo (Ranulfo). Este, a mãe (Alice) levou quando foi embora de repente. Quando acordei ela não estava mais ali. Não me lembro se meu pai (José) chorou.

A irmã demonstrava que era forte, para que eu não chorasse sem saber porque.

Lembro-me, também, que tinha um tio (Miguel). Aleijado, surdo-mudo, engraxate e que me dava moedinhas que minha irmã pegava para comprar balas. Tinha moeda chamada Getulinho, porque tinha a cara do Presidente da República.

Não é fácil lembrar-se das coisas aos oitenta anos de idade.

Nuvens nas recordações esparsas, laivos de lembranças.

Acho que fui de lá prá cá, daqui pra lá, em casas diferentes e parentes diferentes.

PARAGUAÇU PAULISTA

De Paraguaçu lembro-me um pouco mais desses primeiros anos de vida. Infância muito pobre, época da Guerra, racionamento de tudo. Os Estados Unidos mandavam até azeite em grandes tonéis de lata e a gente ia buscar de garrafa. De acordo com o tamanho da família era o que se levava, uma ou duas garrafas de azeite e o açúcar era muito escuro, quase preto. A cidade ficava bem no interior do Estado. Tinha estrada de ferro (Sorocabana) e vinham os vagões apinhados de gente. Passavam por ali em direção a Presidente Prudente e de lá para o Mato grosso ou em direção ao Norte do Paraná, onde existiam as grandes fazendas de café, algodão e cana de açúcar, portanto, com grande oferta de emprego. Alguns anos depois os governos

deixaram que entrassem as máquinas e os trabalhadores foram obrigados a morar nas periferias das grandes cidades, formando as favelas, centenas e centenas delas, a pobreza, a falta absoluta de empregos, o analfabetismo, o conseqüente surgimento dos ladrões à procura do sustento das suas famílias e, agora, drogas e contrabandos, quadrilhas organizadas, a tecnologia dentro dos presídios, os celulares para o comando dos bandidos lá fora em liberdade, a falta de respeito aos direitos que foram criados em benefício dos apenados e, por fim, os incêndios em ônibus e atentados à vida do policial, não importando a sua patente.

Mas este é outro assunto. Vamos aos meus, em particular, afinal objeto destas páginas.

...

Ah! Um dia, meu pai arrumou um emprego para mim.

O primeiro.

Naquela época não tinha essa de criança ficar vagabundeando por aí depois ou antes da Escola. Com sete anos eu já era engraxate no ponto de ônibus, ou fazia jogo do bicho no bar do seu Zé, meu pai.

Voltando ao emprego.

la ajudar um alfaiate a desmanchar barras de calças usadas, pra reformas.

Na segunda calça, perdi o emprego: Cortei a calça ao invés de cortar a linha no desmanche da barra. Fui vender tecidos nas Lojas

Riachuelo e acabei locutor do serviço de som volante da empresa. Eu não vendia nada, mesmo. Interessante: décadas e décadas depois, sou professor de Técnica de venda no SENAC PARANÁ.

...

À vizinha do lado da minha casa era portuguesa e tinha um pé bastante grande daquela fruta cheia de lados, uma tal de carambola.

Eu vendia em cestas, de porta em porta.

Depois, locutor do “serviço de alto falantes Cacique, o porta-voz radiofônico da rodoviária”, passando a ler “A hora da Ave Maria” na Rádio Clube Marconi de Paraguaçu Paulista. Nessa época lia, também, os textos de J.G, de Araújo Jorge. Nunca mais me esqueci disso.

...

A minha primeira professora, Dona Terezinha era de uma família rica, o pai médico e fazendeiro na região de Presidente Prudente.

Um dia, veio a proposta:

- “Donato, você vem morar com a gente. Eu não tenho irmãos. Você fica sendo meu irmãozinho...”.

Éta, resposta besta a minha:

- “Não deixo o meu pai, nunca, professora!”.

Não sei porque, também, estou forçando a cuca para lembrar das coisas. Isso não leva a nada, mesmo!

Já sei: quero fazer uns exerciciozinhos literários, contando histórias. Ao invés de

inventar, o que é mais difícil, vou contando coisas que já sei porque aconteceram comigo. Não sei se relevantes, mas o problema de contar é meu, não teu, não é mesmo?

...

Luiz Arzei foi meu professor primário também: meu diploma tem dedicatória sua!

Sei lá dele, nem da dona Nely, bicho em química, física e outros incríveis e problemáticos.

Problemático era seu marido, professor de matemática.

Seu Polimeno, diretor do Grupo Escolar era, acima de tudo, um gentleman:

Um dia foi lá em casa levar um uniforme todo cheio de botões – como eram os uniformes escolares da época – dizendo que o uniforme era meu. Que, agora, de uniforme, eu poderia voltar para a escola. Sei que era mentira, aquela história do governo ter mandado.

Governo nunca mandou nada de graça para ninguém, principalmente para pobre. Foi ele quem pagou o alfaiate. Qualquer hora me lembro de alguma coisa dos outros.

Vou, agora, apenas catalogando:

- O Zé Ferreira Martins – a última notícia dele veio dos Estados Unidos, faz uns dias... (uns trinta anos mais ou menos...) e, agora, fiquei sabendo que morreu, mas dias antes do triste acontecimento gravou uma música especialmente pra mim.

Ele e o Antoninho Machado eram os parceiros no Trio que formávamos cantando “Vento que embalança as faias dos coqueiros...”.

Chegamos a cantar no clube da cidade.

Era uma festa beneficente.

A renda era para a gente assim como eu mesmo!

Falar em Zé Ferreira, dona Elvira, sua mãe, fazia bolinhos de chuva.

Toda vez que chovia, eu ia lá.

...

Teve uma boa no cinema da cidade.

Era a nossa formatura do Grupo Escolar.

Primário também fazia formatura naquela época.

Eu, orador da turma. (Gozado, me lembro: fui orador do primário, do ginásio e do curso de Contador. Bem mais de meio século depois fui Patrono da minha própria turma na Faculdade de TI).

O terno branco, ah! O terno branco!

Que drama! Ficou na cadeira da sala, esperando o outro dia, o grande dia da formatura. Choveu. Manchou nas costas.

Aquela roda amarela da goteira. O inteligente do meu pai encheu de talco. A mancha sumiu.

Veio a hora do discurso. Sala cheia.

Eu, importante!

- “Senhoras E senhores...”

E dá-lhe procurar nos bolsos o raio do papel com o discurso. Ficou em casa.

Fui em frente. Ineditismo: um discurso de moleque, feito de improviso! Fato totalmente novo! De tanto ler, decorei. Sucesso, também é assim, às vezes!

Pena que não dá para ir decorando sucesso pelos anos vividos...

Mas e o paletó branco? Desculpe. Dado o sucesso do discurso, os tapinhas nas costas. Aí é que começou o drama.

Cada palmada nas costas, um tufão de pó branco que subia.

Era o talco seco, se desmilinguindo.

...

Fui pular a cerca para assistir ao espetáculo do circo.

Quando pulei para o outro lado, caio de joelho na ponta seca de um mamoeiro cortado. Com medo do hospital, escondo do pai o acontecido, até começar a ficar podre o joelho. Também, não tinha mãe para ficar olhando a gente!

Quer dizer, tinha minha irmã. Mas ela vivia olhando para a funilaria em frente de casa, onde trabalhava o namorado. Hoje ela é a escritora Maria Paula e ele, o Osvaldo, de terna lembrança.

...

Outro dia, brincando de lutar espada, me entra a ponta da espada do outro na minha boca. Na pele interna, do lado, entra ar. Cresceu a bochecha.

O dentista disse que era um dente que precisava arrancar.

Está me esperando lá até hoje!
Que cara mais sem “cepe-éfe”. (CPF, lógico, não existia! Queria dizer outra coisa que não me vem à mente).

...

Repetindo, nessa época José Ferreira Martins, Antoninho Machado e eu formamos o TRIO NEGÔ. Cantamos em clubes e até na Rádio! Era tão bom que acabou cedo. Quando íamos cantar começávamos a rir. Assim não dava!

...

Meu pai era barbeiro e comprou um bar. Antes de beber quase todo o estoque, vendeu fiado. Nunca mais recebeu do turco que vendia “carne de onça” que ficou rico vendendo os seus sanduíches de carne moída com cebolinha verde.

Ali eu fazia jogo do bicho, sem saber que bicho era qual número. Ninguém ganhou comigo!

...

Depois, meu pai melhorou de vida e comprou umas três casinhas para alugar. Ninguém pagou o aluguel.

Era tão bom de negócios, o meu pai, que perdeu tudo e voltamos a pagar para morar num bairro chamado Barra Funda.

Aí, o velho, no seu salão, passou a fazer permanente na mulherada.

Era a moda. E como o velho gostava! Melhor que fazer barba nos marmanjões.

Aquele velho não era bobo!

...

Lembro-me: na vizinha, único lugar que tinha rádio, toda a vizinhança ia ouvir, em meio aos chiados, a novela da Rádio Nacional, O Direito de Nascer, com o Albertinho Limonta e toda a tropa!

...

Matei passarinho, sim senhor!

Mas matei só um. Enforcado numa varinha que a gente entortava e prendia no chão, com milho espalhado. O passarinho vinha comer e já era. Quando vi o passarinho pendurado, me olhando, jurei que nunca mais ia caçar. Acho que aquele passarinho era o presidente do sindicato dos pássaros: pago até hoje a aventura sinistra. O que mais? Pouca coisa.

Parece que infância e juventude naquela época, entre 45 e 55 (já era 1900, por certo!), não tinham muitos atrativos.

O brinquedo era a gente que construía...

Os carrinhos de rolimã, também.

Ah! Tinha jogo de bolinha de gude. Pura sacanagem: fazíamos o buraco, interligado com um tunelzinho. Convidava pra jogar. O gajo “embibocava”, ou seja, a bolinha caía no buraco e corria pelo túnel. A gente dizia que, por azar era um formigueiro. Enchia o buraco embaixo de bolinhas.

...

Zé Ramos era barbeiro. Nas férias ele me levava pro sítio. Para trabalhar. Na época não tinha o Estatuto da Criança e do adolescente.

Trabalhava apanhando algodão. Outras vezes, para catar café ou gabiropa que a gente vendia em latas (aquelas de azeite) na cidade.

Apanhar algodão era difícil: tinha que encher os sacos enormes e pesar. Ganhava-se pelos quilos que colhia.

...

Tinha um avô e uns tios e tias. Moravam num Olaria (fábrica de tijolos). Eram dois sítios, na verdade, longe alguns quilômetros um do outro. Nesse, mais distante, eu também morei. Não sei onde contei a história, mas quando muito criança presenciei uma cena inenarrável de espíritos e suas manifestações. Foi minha primeira experiência com o Espiritismo, com o qual convivo até hoje.

...

Quando comecei a tomar cerveja íamos pro boteco do português.

Pô! Parece que só tinha português em Paraguaçu! Pois bem. O português comprava as garrafas vazias que nós levávamos, trocando por garrafas cheias.

Acontece que as garrafas vazias eram dele mesmo que a gente pegava no corredor. Quem continuou com essa prática transformou-se em grande político!

...

Ser criança... que bom! Passava fome, é verdade! Mas que era divertido, era.

Ah! Se era!